

Quando a criança perde o lugar: as infâncias e seus (des)lugares

When the child loses the place: the childhoods and their(dis)places

Fernanda Milanez é mestra em Educação pela UERJ e integra o GPICC (Grupo de Pesquisa em Infância e Cultura Contemporânea) na mesma universidade.

Contato: milanez21@gmail.com

Resumo

Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado, situada no campo dos estudos da infância, cujas questões foram sendo esboçadas a partir de alguns cronotopos pinçados em experiências que envolveram remoções e deslocamentos provocados por desastres ambientais, que se firmaram como questões de investigação para o presente estudo. No que diz respeito às experiências de diferentes infâncias ou às memórias delas, busco compreender como as crianças restabelecem suas relações espaço-temporais nas situações de destruição ou reconstrução de seus territórios. Para tal, convidei interlocutores afetados pelo evento climático da região serrana¹ em 2011, dispostos a revisitar locais onde moravam ou estudavam quando a chuva veio. Essa questão se coloca como o objetivo principal deste recorte da pesquisa, embora ainda não conclusiva, que conta com o aporte teórico de Mikhail Bakhtin a partir do seu conceito de cronotopo e de Walter Benjamin, em diálogo com seus conceitos e experiência, memória e infância.

Palavras-chaves: Infâncias. Cronotopo. Pesquisa. Crianças. Refugiados.

Abstract

Abstract: This paper was taken from a PhD research conducted in the field of childhood studies, and the issues

1. Trecho do artigo publicado no site do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (<http://www.cptec.inpe.br>): “Uma chuva intensa afetou a Região Serrana do Rio de Janeiro (RSRJ) entre a noite do dia 11/01 e madrugada de 12/01/2011, compreendendo os municípios de Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Sumidouro e São José do Vale do Rio Preto. O número de mortes até o momento passa dos 750, e são mais de 200 desaparecidos (ainda sem os dados de Petrópolis). O último balanço da Defesa Civil Estadual indica que 7.780 pessoas estão desalojadas (aquelas que estão na casa de vizinhos ou familiares) e 6.050 desabrigadas (aquelas que perderam tudo e necessitam de abrigos públicos). A imprensa classifica este evento como a maior catástrofe climática ocorrida do Brasil em toda a história. Através da figura 1 pode-se ter a dimensão desta tragédia”. Disponível em : <http://www.cptec.inpe.br/~rupload/arquivo/120111.pdf> (acessado em 07.2017).



have been sketched out from chronotopes pinned on experiences involving removals and displacements caused by environmental disasters, which were established as research question for the present study. Concerning the experiences of different childhoods or their memories, I seek to understand how children reestablish their spatio-temporal relations in situations of destruction or reconstruction of their territories. To do so, I invited people affected by the climatic event of the mountainous Serrana region in 2011, who were willing to revisit places where they lived or studied when the rain came. This question is the main goal of the research, although not yet conclusive, which counts on the's theoretical contribution of Mikhail Bakhtin, from his concept of chronotopes, and Walter Benjamin, in dialogue with his concepts about experience, memory and childhood.

Keywords: Childhood. Chronotopes. Research. Children. Refugees.

O tempospaço congelado na paisagem

Uma fotografia pode ser percebida como uma cena congelada, aprisionada num tempo e num determinado espaço. Pode também ser mais do que apenas a simples captação de um instante. A imagem clicada pode ser concebida como um cronotopo, na medida em que seu enquadramento eterniza uma situação, uma experiência que se estende na imbricada relação pessoa-cidade/paisagem-evento congelada. A cada instante em que é vista ou revista, busca uma suspensão do tempo e, ao mesmo tempo, amplia sua duração.



Figura 1: Rua do centro de Nova Friburgo

Numa perspectiva bakhtiniana, uma *fotocronotopia* pode ser compreendida como um registro fotográfico que exponha uma



liga tempo espaço indissociável, apresentando pistas, deixando transparecer rupturas e permanências do que se revela naquele continuum representado.

Entre as tantas tensões provocadas por esse click da figura – feito por mim em abril de 2017 –, seis anos após o desastre ambiental da região serrana, abre-se um convite para o jogo do visível x invisível e dos modos de ver verdades contidas na imagem e suas representações.

Nas fachadas lateral e frontal do edifício revela-se, dependendo da posição do observador, ruína ou construção intacta. Alguns passos à frente, como no ângulo registrado, a paisagem faz surgir uma simultaneidade de eventos, como dentro e fora, coletivo e individual, público e privado. Aproximando-se um pouco mais do edifício, é possível ver rastros como pias e chuveiros de alguns apartamentos, os quais revelam espaços vivos de cotidianos interrompidos.

Ao falar que “*uma imagem pode ultrapassar em duração aquilo que ela representava*”, Berger (2000, p. 12) nos ajuda a pensar em visibilidades possíveis, para além do que nos foi apresentado ao longo da história. Com inspiração no autor, Tittoni et al. (2010, p. 60) comentam que

Imagem, representação e duração são temas recorrentes na discussão sobre a fotografia e se atualizam quando se propõe pensar a fotografia na pesquisa científica. Neste caso, a imagem pode ser pensada como forma de evidenciar os fatos e situações, a representação como forma de acesso e comprovação da realidade e a duração como forma de marcar, neste território de verdades científicas, a fugacidade da vivência e das visibilidades cotidianas (Idem).

É nessa perspectiva que compartilho para o debate aqui proposto uma das múltiplas paisagens vistas cotidianamente por nós, moradores do município de Nova Friburgo, em diferentes bairros, sejam eles centrais, periféricos ou áreas rurais. São residências-escombros a nos lembrar de uma tragédia anunciada, como tantas outras espalhadas pelo país.²

Circular por essas ruas e rememorar constantemente a paisagem aqui apresentada contribuiu para o que se pode fundar como cronotopos estéticos que desenham o ponto de partida de um caminho metodológico com vias a problematizar essa e futuras paisagens como ficção ou como registro, como arte ou como ciência. Ou, cronotopicamente, como ambos.

Pensar uma fotocronotopia como estratégia metodológica que foi por mim experimentada para abrir a escritura deste

2. De acordo com o Atlas Brasileiro de Desastres Naturais, tragédias naturais afetaram, entre 1991 e 2012, 96,2 milhões de brasileiros. Episódios como inundações e estiagens mataram 2.475 pessoas nesse mesmo período. Esse documento é fruto de uma parceria entre a Secretaria Nacional de Defesa Civil e a Universidade Federal de Santa Catarina. Mais sobre esse documento nas referências bibliográficas.



artigo ventila possibilidades de investigar, por meio de registros fotográficos, as tensões e os afetos das pessoas jovens com quem busco dialogar sobre suas experiências vividas nas infâncias, na ocasião das chuvas de 2011 – convidadas à coautoria de uma narrativa que se constituirá propondo afetar e afetar-se, constituindo uma ética do ver (SONTAG, 2008) sobre o que foi vivido e, especialmente, sobre o que viveremos juntos pela existência desta pesquisa, na tessitura desses entrecruzamentos nas dimensões de passado e presente. Encontros que provoquem novos olhares sobre lugares/espços escolhidos, mas, particularmente, sobre pessoas e como lidam hoje com suas experiências passadas.

No campo filosófico, é nos estudos sobre a fisionomia da metrópole sobre a representação da história em Benjamin, de Willi Bolle (2000, p. 42), que adentrarei “num exame mais minucioso de imagens prenhe de histórias”. Diz Bolle que, em seus estudos, Benjamin tenta “flagrar o momento em que o sujeito se inteira da fisionomia da cidade e ao mesmo tempo de si mesmo, em que rosto e corpo se assemelham mimeticamente a cidade que ele habita” (Idem, p. 43). É em geral sob a ótica dos marginalizados e dos periféricos que as cidades são mostradas por Benjamin.

Sobre ausências: os não lugares e as não crianças

Para uma trajetória que se deixará levar pelas mãos e lentes de lugares que podem existir apenas nas memórias, penso caber aqui uma reflexão sobre não lugares. Busco aproximação em Augè (1994a) e as ideias que construiu sobre a sociedade contemporânea – *sobremodernidade*³, como ele denomina –, por meio de observações dos deslocamentos das pessoas nas cidades até conceber o conceito de não lugar. O autor pesquisou os espaços públicos com grandes aglomerados humanos, até chegar àquilo que seria comum a eles. Seu olhar se direcionava aos estacionamentos, às autoestradas, aos aeroportos, aos corredores dos *shopping centers*, entre outros espaços de passagem. Sua hipótese sugeria que esses espaços provocavam mudanças na vida cotidiana das pessoas.

Augè (1994a) percebeu uma relação entre esses espaços construídos, que pouco ou nada significavam para quem os usava, e as questões contemporâneas temporais. Tais construções existem, defende o autor, para que cada vez seja possível fazer mais coisas em menos tempo. Esses são, para ele, os não lugares,

3. Sobremodernidade, para Marc Augè (1994a), é o outro lado da moeda da pós-modernidade. Ao mesmo tempo similar e contrária. Assim o classifica, pelos excessos: de tempo (porque a história acelerou de tal forma que tudo é acontecimento), de espaço (sabemos de tudo que se passa nos lugares mais remotos) e de individualismo (o mundo midiático promove a individualização e enfraquece as referências coletivas).



que permitem numerosa circulação de pessoas, de coisas e de imagens, onde ninguém interage ou se relaciona. “O não lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo” (Augé, 1994b, p. 167⁴, *apud* SÁ, Teresa, 2014).

Pode-se levar em conta a possibilidade de determinado espaço ser lugar para uns e não lugar para outros. Um aeroporto pode ser um não lugar para quem por lá passa apenas para levar ou buscar alguém, mas pode ser um lugar com profundas referências para quem lá trabalha ou reside nas proximidades. Assim como o edifício da figura 1 – indicada acima – pode trazer experiências distintas para os antigos moradores, para os jornalistas e os turistas que por ali passam para “visitar” os escombros. Nesse sentido, considero um espaço destruído ou ausente como um não lugar na minha visada como pesquisadora, mesmo que não tenha sido concebido nas condições dos não lugares apresentados pelo autor, pois este, para mim, não foi concebido, mas tornou-se, na medida em que foi destruído e continua vivo como espetáculo, como memória, como resiliência e como resistência. Entretanto, não mais como vida, moradia ou lugar da história de alguns.

A busca por revelar invisibilidades estende-se ao ponto que me afeta mais profundamente, que é o âmbito das infâncias, razão pela qual esta pesquisa vem sendo gerada. Situo-me no campo dos Estudos da Infância, fazendo coro com estudiosos de diversas áreas das ciências que consideram pessoas de pouca idade como atores sociais em sua plenitude. Atualmente reconhecidas como capazes de negociar, disputar, compartilhar seus espaços com seus pares e com adultos, as crianças visíveis contribuem para demarcar um – “não mais tão” – novo paradigma da infância, rompendo com a ideia de seres passivos e receptivos ante o doutrinamento adulto. Questionando uma socialização vertical, hierarquizada, baseada numa lógica adultocêntrica, as concepções contemporâneas sobre infâncias apontam para ações interativas, que considerem o ponto de vista das crianças, reconhecendo suas produções e as infâncias como construções sócio-históricas. Então, por que estariam sendo chamadas, por mim, de invisíveis?

Mergulho um pouco mais no debate interno sobre três grandes correntes teóricas da sociologia da infância, apresentadas por Sarmiento (2012). A primeira destaca uma perspectiva estrutural, considerando indicadores demográficos, econômicos e sociais para compreender como a infância se relaciona com outras categorias geracionais. Aqui se observam com mais afinco as políticas públicas, as imagens históricas da infância, questões de direito e

4. AUGÉ, M. *Le sensdesautres. Actualité de l'anthropologie*. Paris, Fayard, 1994b.



de cidadania. A segunda corrente coloca ênfase na subjetividade e na construção simbólica dos modos de vida das crianças, percebendo de perto as interações entre pares, a herança cultural transmitida pelos adultos, os estudos etnográficos, interações intra e intergeracionais, cultura lúdica, o jogo, entre outros subtemas. Por fim, a terceira corrente – na qual me reconheço – inscreve-se num paradigma crítico e sustenta a concepção de que infância é uma construção histórica – suscetível a mudanças a cada tempo e espaço. Segundo essa corrente, a infância é um grupo social oprimido e uma condição social que vive em situações de exclusão, algo fácil de perceber quando se pensa, por exemplo, a infância atrelada a outras condições sociais de exclusão, como etnia e gênero. Aqui se defende a ideia da contribuição de pesquisas para a emancipação social da infância, desenvolvendo-se investigações participativas e articulando-se, então, com estudos feministas e de movimentos sociais, abordando gênero, etnia, classe social, entre outros. Há caminhos sendo trilhados nessas linhas, em diversas áreas de conhecimento, rumo a uma reconstrução teórica no debate sobre os Estudos da Infância.

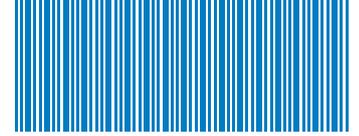
Desta feita, os diálogos e observações aqui propostos direcionam luz sobre crianças que estão ainda mais invisíveis, para além da exclusão geracional, embora seus processos de participação social estejam em pleno curso. São crianças que considero duplamente excluídas, uma vez que em sua maioria aparecem também como “problema social”, muito embora com profunda atuação nas sociedades em que vivem. Poderiam ser as crianças-soldados, crianças traficantes, crianças que trabalham, crianças imigrantes e migrantes clandestinas.

Na pesquisa que desenvolvo, falarei das crianças refugiadas e, neste artigo especificamente, sobre as refugiadas climáticas ou em deslocamento interno⁵. Aquelas que, em geral, deslocam-se vendo destroços e escombros, como as crianças narradas por Benjamin (1984), no século passado:

Elas sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou marceneiro. Nestes restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Nestes restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e inocente relação (Idem, p 77).

5. Deslocados internos ou refugiados internos são, de acordo com a ACNUR (Agência da ONU para Refugiados), pessoas forçadas a fugir de suas casas, mas que não cruzam fronteiras internacionais, permanecendo dentro de seu país.

Diz o autor que as crianças se ligam aos destroços que estão em seus caminhos e vão meio que se constituindo a partir deles.



Entendo esses encontros com elas como possibilidades de checar o que acharam ou perderam em seus caminhos, o que faziam, e, agora, o que carregam em suas memórias sobre o que viveram em 2011, no tempo presente.

Sobre os caminhos metodológicos

Aqui fica um convite a sua participação neste diálogo proposto entre sujeitos e fotografias, num passeio por entre linhas e imagens, circulando conosco entre os espaços vividos a partir de uma metodologia que se propôs a realizar conversas, encontros, passeios e experiências fotográficas autorais, feitas por mim e pelos sujeitos da pesquisa, aqui convidados a esta interlocução pelo critério de familiaridade. São três os sujeitos da pesquisa até o presente momento: Vitória, 19 anos (filha de um colega de trabalho), Juliano e Ângelo (irmãos de 10 anos e 14 anos respectivamente, filhos de uma amiga e cujas participações se deram inicialmente de forma casual e espontânea). As formas de participação serão descritas posteriormente, quando apresentarei seus relatos.

Durante três meses organizamos os encontros, apresentei a pesquisa e a proposta dos passeios e dos registros fotográficos dos lugares eleitos por eles. A captura de pedaços e rastros de realidades foi intencionalmente selecionada por eles, conduzidos por suas memórias, ausências e esquecimentos. Na sequência deste texto serão apresentados trechos dos diálogos realizados e algumas imagens capturadas; entretanto, é importante esclarecer que nesta etapa ainda não estão definidas as categorias de análise.

Ainda sobre a proposta metodológica, cabe mencionar a ética que pretendi construir neste percurso de pesquisa. Para além dos clássicos documentos e normativas que indicam os termos e autorizações de consentimento livre e esclarecido, procurei pensar numa ética processual, na qual os interlocutores estivessem presentes mesmo antes de encontrá-los, já reconhecendo-os como sujeitos nesta etapa prévia, em seguida durante os encontros, ao negociar e decidir em comum acordo os novos rumos, e, agora, na escrita deste texto, de forma ainda dialógica, incluindo-os ao pensar sobre eles e depois de ouvi-los atentamente.

Apesar de o encontro ter sido realizado com pessoas de 19, 14 e 10 anos de idade, trabalhei com a possibilidade de acionar suas memórias de seis anos atrás, época do desastre ambiental, rememorar por meio de relatos suas vidas aos 12, 8 e 4 anos de



idade. Isso provocou em mim a busca por uma escuta acolhedora, que pudesse rever cada passo pensado previamente, considerando a qualidade das memórias e o contexto que as abrigava. Mesmo tendo a clareza de ser eu a pesquisadora, as decisões foram tomadas conjuntamente, de acordo com as possibilidades de cada um, garantindo que cada sujeito foi coautor deste trecho da pesquisa e autor de sua própria história. Por pensar sobre esses princípios, não caberia apresentá-los senão nominalmente.

Enfim, o que dizem as crianças? Sobre conversas iniciais...

Com Vitória realizei dois encontros, e da mesma forma se deu com os irmãos Ângelo e Juliano. Para os ensaios fotográficos, Vitória usou sua câmera de celular e o passeio foi feito tendo como ponto de partida a sua residência e sem itinerário definido previamente. Já os meninos ainda não realizaram o passeio fotográfico.

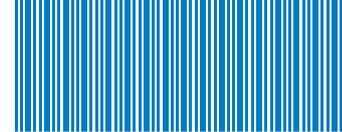
O breve diálogo que segue aconteceu num dia em que eu conversava com minha amiga Francine, a mãe do Ângelo e do Juliano, sobre as férias escolares. Falávamos sobre o tempo nas férias, mas o tema TEMPO era no viés da temperatura, o que nos levou ao assunto das “chuvas”. Não havia intenção prévia nesse diálogo com eles, mas aos poucos fui percebendo que a conversa poderia se transformar num encontro de pesquisa. Tanto Ângelo quanto Juliano começaram a falar sobre como chove em Friburgo e, naquele momento, decidi abrir o assunto da pesquisa com eles, checando e formalizando o interesse deles na interlocução.

Na ocasião do evento climático, a família morava no alto de uma montanha, numa moradia universitária, a antiga Fundação Getúlio Vargas, e que naquele momento abrigava o Campus da UERJ, onde a amiga era moradora-pesquisadora. Atualmente a Fundação encontra-se interdita e o campus mudou para o prédio de uma antiga fábrica de rendas desativada. Expliquei detalhadamente o que eu estudava e por que me interessei em conversar com eles. Falei sobre a autodeclaração de participação na pesquisa e da ideia-convite de fotografar os lugares a que suas memórias os levassem. Iniciamos nossa conversa sobre o evento climático, sobre onde cada um de nós estava quando a chuva chegou à cidade:

Fernanda: Quantos anos você tinha lá em 2011 e onde você estava quando a chuva começou?

Ângelo: Naquela época eu tinha 8 anos de idade e estava dentro de casa.

Fernanda: Então você lembra bem desse dia da chuva? O que você estava fazendo quando a chuva começou?



Ângelo: Então, eu estava dormindo e eu me lembro que eu tive que acordar porque nossa casa “tava” cheia d’água e a gente foi pra casa do nosso vizinho, porque já tinha caído algumas árvores perto da nossa casa.

Fernanda: Você lembra como é que estava a sua casa? Foi sua mãe que te acordou? Vocês foram pra casa do vizinho, né? E a casa do vizinho, como é que estava? O que você lembra desse dia?

Ângelo: Sim, foi minha mãe que me acordou e eu lembro que a água estava um palmo abaixo do joelho e quando a gente saiu da casa a gente foi pra rua, que era na Fundação (Getúlio Vargas) e “tava” com uma correnteza bem forte e aí a gente foi pra casa do vizinho e lá não havia muito risco de cair alguma coisa, de deslizar barranco e lá já estava tudo calmo. Me lembro que quando eu acordei os bombeiros já estavam lá em cima e a gente teve que fazer uma trilha pra poder descer, porque no caminho principal tinha caído a rua. Então a gente teve que fazer uma trilha pela floresta pra poder descer. Encerramos aqui nosso diálogo, pois Francine nos chamou para o lanche. Combinamos de fazer o passeio fotográfico na semana seguinte.

Sobre a Vitória, hoje ela é confeiteira e tem 19 anos. Com ela, propus sairmos de carro pelo bairro para que me indicasse algum caminho de acordo com suas memórias. Ela escolheu três pontos específicos e contou o que lembrava enquanto fotografava:

Fernanda: Em 2011, aos 12 anos, onde estava quando a chuva começou?

Vitória: Eu morava num dos bairros que foi bastante atingido pela chuva, Duas Pedras (ver figura 2). Estava em casa com minha mãe e minha irmã quando a chuva começou e tivemos que sair pela janela, com a ajuda de vizinhos, pois caiu um barranco atrás da casa, impedindo a passagem.

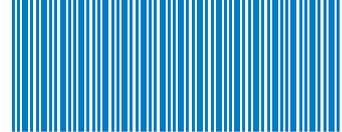
Fernanda: Como foi seguindo a vida depois?

Vitória: Ficamos três meses na casa deste vizinho (apontando para uma casa próxima ao local onde estávamos).

Neste momento, paramos na pedra indicada por Vitória e ela me indicou onde tinha uma casa que ela frequentava.



Figura 2: Local indicado pela Vitória: Bairro Duas Pedras



Como esta pesquisa ainda está em andamento, até o presente momento não foram desenvolvidas análises conclusivas sobre esse breve campo. Mesmo que esses primeiros encontros ainda não sejam suficientes para responder às indagações propostas, percebo que o campo é fértil para prosseguir em diálogo com os interlocutores, sobretudo para descobrir como a vida seguiu depois da chuva.

REFERÊNCIAS

Centro e Estudos e Pesquisas de Engenharia e Defesa Civil. *Atlas Brasileiro de Desastres Naturais*. Disponível em <http://www.ceped.ufsc.br/atlas-brasileiro-de-desastres-naturais-1991-a-2012/> (acessado em 06.2017).

AUGÉ, M. *A Guerra dos sonhos*, Campinas: Editora Papirus, 1998.

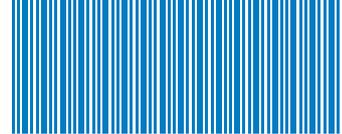
BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Editora Summus, 1984.

BERGER, J. *Modos de Ver*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2000. Disponível em <http://arte2015.wikispaces.com/file/view/BERGER%2C+J.+--+Modos+de+ver.pdf> (acessado em 25.06.2017).

BOLLE, W. *Fisiognomia da metrópole moderna. Representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SÁ, T. Lugares e não lugares em Marc Augé. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 26, n.º. 2, pp. 209-229, nov./2014.

SARMENTO, M.J.; MARCHI, R. de C. Radicalização da infância na segunda modernidade: Para uma Sociologia da Infância crítica. *Configurações*, n.º. 4, pp. 91-113, 2008.



SILVEIRA, P.D.; AXT, M. Mikhail Bakhtin e Manoel de Barros: entre cronotopos e a infância. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 10, n.º. 1, pp. 176-192, jan./abr./2015.

SONTAG, S. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Disponível em http://www.pucrs.br/famecos/professores/sempe/Susan_Sontag.pdf (acessado em 15.06.2017).

TITTONI, J.; OLIVEIRA, R.G. de; SILVA, P.M. da; TANIKADO, G. A fotografia na pesquisa acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. *Revista Informática na Educação: teoria & prática*. Porto Alegre, v.13, n.º.1, pp. 59-66, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/10467/12031> (acessado em 05.2017).

VALIM, C. de M. Pelas dobras do tempo-espaço: literatura e fotografia em Satolep, de Vitor Ramil. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n.º. 39, pp. 193-214, jan./jun./2012. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127333011> (acessado 04.2017).

Recebido: 07/09/2017

Revisto: 30/10/2017

Aceito: 22/11/2017

